

Ler um sintoma¹

Jacques-Alain Miller²

Tenho que lhes revelar o título do próximo congresso da NLS, justificá-lo e apresentar algumas reflexões sobre a questão que poderá servir de referência para a redação dos trabalhos clínicos que ele convoca. Escolhi este título a partir de duas indicações que recebi da vossa presidente, Anne Lysy. A primeira é que o Conselho da NLS desejaria que o próximo congresso fosse sobre o sintoma. A segunda é que o lugar do congresso seria Telavive. A questão, portanto, era de determinar que acento, que inflexão, que impulso dar ao tema do sintoma. Pesei nisso em função das aulas que leciono em Paris todas as semanas, onde me explico com Lacan e com a prática da psicanálise hoje, prática que não é mais completamente, ou talvez de nenhum modo, a de Freud. Em segundo lugar, pesei a importância a dar ao tema do sintoma em função do lugar, Israel. Portanto, tudo bem pesado, escolhi o seguinte título: ler um sintoma, *to read a symptom*.

Saber ler

Aqueles que leem Lacan reconheceram sem dúvida aqui um eco das suas palavras no escrito «Radiofonia», que podem encontrar na compilação *Autres Écrits*, página 428. Ele assinala aí que o judeu é aquele que sabe ler.³ É esse saber ler que se trata de interrogar em Israel, o saber ler na prática da psicanálise. Direi imediatamente que o saber ler, como eu o entendo, completa o bem-dizer, que se tornou um *slogan* entre nós.

¹ Jacques Alain-Miller apresentou no final do Congresso da NLS, que se realizou em Londres nos dias 2 e 3 de abril de 2011, o tema do próximo congresso de Telavive (Junho 2012). Esta é a transcrição da conferência estabelecida por Dominique Helvoet (sem revisão do autor).

² Psicanalista AMP. Diretor do Departamento de Psicanálise de Paris VIII.

³ Lacan J., « Radiophonie », *Autres Écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 428.

Vou sustentar, com satisfação, que o bem-dizer na psicanálise não é nada sem o saber ler, que o bem-dizer próprio da psicanálise se funda no saber ler. Se nos atemos ao bem-dizer, não alcançamos mais do que metade daquilo de que se trata. Bem-dizer e saber ler estão do lado do analista, são propriedade do analista, mas, no decorrer da experiência, trata-se do bem-dizer e do saber ler que se transferem para o analisando. Que este aprenda de algum modo, e fora de toda pedagogia, a bem-dizer e também a saber ler. A arte do bem-dizer é a definição dessa disciplina tradicional que se chama a retórica. Certamente que a análise participa da retórica, mas não se reduz a ela. Parece-me que é o saber ler que faz a diferença. A psicanálise não é apenas uma questão de escuta, de *listening*, ela é também questão de leitura, de *reading*. No campo da linguagem, sem dúvida, a psicanálise toma o seu ponto de partida na função da palavra, mas ela refere esta à escrita. Há uma distância entre falar e escrever, *speaking* and *writing*. É nesta distância que opera a psicanálise, é esta diferença que a psicanálise explora.

Acrescentarei uma nota mais pessoal à escolha que faço do título, «ler um sintoma», posto que é o saber ler que Lacan me imputou. Encontrarão isso na epígrafe do seu escrito «Televisão», na compilação *Autres Ecrits*, página 509; eu colocava-lhe um certo número de perguntas em nome da televisão, e ele pôs na epígrafe do texto que as reproduz com certas mudanças, o que tinha dito então: «Aquele que me interroga sabe também me ler»⁴. Portanto, Lacan prendeu-me com o saber ler, ao menos com o saber ler Lacan. É um certificado que ele me outorgou em razão das anotações com as quais escandi o seu discurso na margem, muitas das quais fazem referência às suas fórmulas

⁴ Lacan J., « Télévision », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 509.

chamadas matemas. Então, a questão do saber ler tem todas as razões para me interessar.

O segredo da ontologia

Depois desta introdução, vou evocar o ponto em que estou das minhas aulas deste ano e que conduz, precisamente, a esta questão da leitura e da leitura do sintoma. Estou, por estes dias, articulando a oposição conceitual entre o ser e a existência. E é uma etapa no caminho onde vou distinguir e opor o ser e o real, *being and the real*.

Trata-se, para mim, de relevar os limites da ontologia, da doutrina do ser. Foram os Gregos que inventaram a ontologia. Eles mesmos deram-se conta dos limites, posto que alguns desenvolveram um discurso que se refere explicitamente a um mais além do ser, *beyond being*. Devemos crer que sentiram a necessidade deste mais além do ser e colocaram o Um, *the one*. Em particular, aquele que desenvolveu o culto do Um como indo mais além do ser é o chamado Plotino. Ele extraiu-o, séculos mais tarde, de uma leitura de Platão, precisamente do *Parménides* de Platão. Extraiu-o de um certo saber ler Platão. Antes de Platão encontramos Pitágoras, um matemático, mas místico-matemático. Era Pitágoras que divinizava o número e especialmente o Um, do qual não fazia uma ontologia, mas o que se chama, em termos técnicos, a partir do grego, uma henologia, quer dizer, uma doutrina do Um. Minha tese é que o nível do ser chama, necessita de um mais além do ser.

Os Gregos que desenvolviam uma ontologia sentiram a necessidade de um ponto de apoio, do fundamento inquebrável que justamente o ser não lhes dava. O ser não dá um

fundamento inquebrável à experiência, ao pensamento, precisamente porque há uma dialética do ser. Situar o ser é, ao mesmo tempo, situar o nada. E dizer o ser é isso é, ao mesmo, tempo situar o que não é isso, portanto, o seu contrário.

O ser, em suma, carece singularmente de ser, não por acidente, mas de maneira essencial. A ontologia desemboca sempre numa dialética do ser. Lacan sabia-o tão bem que precisamente define o ser do sujeito do inconsciente como uma falta-a-ser. Ele explora os recursos dialéticos da ontologia. A tradução da expressão francesa «manque-à-être» por *want to be* agrega algo totalmente precioso, a noção de desejo. *Want* não é apenas o ato, em *Want* está o desejo, está a vontade e, precisamente, o desejo de fazer ser o que não é. O desejo faz a mediação entre *being and nothingness*. Encontramos este desejo na psicanálise ao nível do desejo do analista, aquele que anima a operação analítica enquanto esse desejo conduz ao ser, ao inconsciente, faz aparecer o que está recalcado, como dizia Freud. Evidentemente, o recalcado é, por excelência, um *want to be*, o que está recalcado não é um ser atual, não é uma palavra efetivamente dita, o que está recalcado é um ser virtual que está no estado de possível, que aparecerá ou não. A operação que conduz ao ser, o inconsciente não é a operação do Espírito Santo, é uma operação de linguagem, aquela que aplica a psicanálise. A linguagem é esta função que faz ser o que não existe. Inclusive, os lógicos chegaram a constatá-lo, e ficaram desesperados pelo fato da linguagem ser capaz de fazer ser o que não existe; então, trataram de normalizar o seu uso, esperando que a sua linguagem artificial só nomearia o que existe. Mas é preciso reconhecer aí, não um defeito da linguagem, mas a sua força. A linguagem é criadora e, em particular, cria o ser. Em suma, o ser de que falam

desde sempre os filósofos, este ser não é outra coisa senão um ser de linguagem. É o segredo da ontologia. Produz-se então uma vertigem.

Um discurso que seria do real

Produz-se uma vertigem para os filósofos, a vertigem da dialética. Porque o ser é o oposto da aparência, mas o ser também não é outra coisa senão aparência, uma certa modalidade da aparência. É esta fragilidade intrínseca ao ser que justifica a invenção de um termo que reúne o ser e a aparência, o termo «semblante» [*semblant*]. O semblante é uma palavra que utilizamos na psicanálise e com a qual tratamos de cernir o que é, ao mesmo tempo, ser e aparência, de maneira indissociável. Uma vez, tratei de traduzir esta palavra em inglês com a expressão *make believe*. Com efeito, se se crê nisso, não há diferença entre a aparência e o ser. É uma questão de crença.

A minha tese, que é uma tese sobre a filosofia a partir da experiência analítica, é que os Gregos, justamente porque lidaram eminentemente com esta vertigem, buscaram um mais além do ser, um mais além do semblante. O que nós chamamos o real é esse mais além do semblante, um mais além problemático. Existe um mais além do semblante? O real seria, se queremos, um ser, mas não um ser de linguagem, não seria tocado pelos equívocos da linguagem, seria indiferente ao *make believe*.

Onde é que os Gregos encontravam este real? Encontravam nas matemáticas e noutras partes onde as matemáticas continuaram desde então. Como na filosofia, os matemáticos dizem-se sempre, de bom grado, platónicos, no sentido que não pensam,

em absoluto, ou que não criam o seu objeto a não ser para soletrarem um real que já lá está. E isso permite sonhar, em todo caso fazia sonhar Lacan.

Lacan fez uma vez um seminário que se intitulava «De um discurso que não fosse semblante»⁵. É uma fórmula que permaneceu misteriosa, mesmo quando o seminário foi publicado, porque o título deste seminário apresenta-se ao mesmo tempo sob uma forma condicional e negativa. É nesta forma que evoca um discurso que seria do real, é isso o que quer dizer. Lacan teve o pudor de não o dizer na forma que revelo, ele disse-o sob uma forma apenas condicional e negativa. De um discurso que seria real, de um discurso que tomaria o seu ponto de partida no real, como as matemáticas. Era o sonho de Lacan colocar a psicanálise ao nível das matemáticas. A respeito disto, é preciso dizer que só nas matemáticas o real não varia – ainda que nas margens, varia de todas as maneiras. Na física matemática, que incorpora e que se sustenta das matemáticas, a noção de real é completamente escorregadia, porque é herdeira de algum modo da velha ideia de natureza; com a mecânica quântica, com as investigações do ser mais além do átomo, podemos dizer que o real na física se tornou incerto. A física conhece polémicas entre físicos ainda mais vivazes que na psicanálise. O que para um é real, para um outro não é mais que semblante. Fazem propaganda da sua noção de real porque a partir de um certo momento fizeram entrar em conta a observação. A partir desse momento, o complexo composto pelo observador e os instrumentos de observação interfere e, então, o real torna-se relativo ao sujeito, cessa de ser absoluto. Podemos dizer que deste modo, o sujeito faz ecrã ao real. Não é esse o caso nas matemáticas. Como se acede nas matemáticas ao real, por via de que instrumento? Acede-se pela linguagem, sem dúvida,

⁵ Lacan J., *Le Séminaire*, Livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, Paris, PUF, 2007.

mas uma linguagem que não faz ecrã ao real, uma linguagem que é real. É uma linguagem reduzida à sua materialidade, é uma linguagem reduzida à sua matéria significante, é uma linguagem que se reduz à letra. Na letra, contrariamente à homofonia, não se encontra o ser, *being, in the letter is not being that you find, but the real*.

Fulgor do inconsciente e desejo do analista

A partir destas premissas, proponho interrogar a psicanálise. Na psicanálise, onde está o real? É uma pergunta urgente, na medida em que um psicanalista não pode não experimentar a vertigem do ser, desde o momento que na sua prática é invadido pelas criações, pelas criaturas da palavra.

Onde está o real nisso tudo? O inconsciente é real? Não! De qualquer forma é a resposta mais fácil de dar. O inconsciente é uma hipótese, o que resta como uma perspectiva fundamental, mesmo que possamos prolongá-la, fazê-la variar. Para Freud, o inconsciente é o resultado de uma dedução. É o que Lacan traduz do modo mais aproximado, salientando que o sujeito do inconsciente é um sujeito suposto, quer dizer, hipotético. Não é, então, um real. Inclusive se colocamos a questão de saber se é um ser. Vocês sabem que Lacan prefere dizer que se trata de um desejo de ser, mais do que de um ser. O inconsciente não tem mais ser do que o sujeito mesmo. Isso que Lacan escreve S barrado é algo que não tem ser, que só tem o ser de falta e que deve advir. E nós sabemos bem que basta simplesmente extrair as consequências disso. Sabemos bem que o inconsciente na psicanálise está submetido a um dever ser. Está submetido a um imperativo que, como analista, representamos. E é nesse sentido que Lacan diz que o

estatuto do inconsciente é ético. Se o estatuto do inconsciente é ético, não é da ordem do real, é isso que quer dizer. O estatuto do real não é ético. O real nas suas manifestações é muito mais *unethical*, não se comporta segundo a nossa conveniência. Dizer que o estatuto do inconsciente é ético é, precisamente, dizer que é relativo ao desejo e, primeiro, ao desejo do analista, porque se trata de inspirar o analisando a assumir esse desejo.

Em que momento na prática da psicanálise necessitamos de uma dedução do inconsciente? Por exemplo, quando vemos retornar na palavra do analisando lembranças antigas, que ele havia esquecido até esse momento. Somos forçados a supor que, no intervalo, estas lembranças residiam nalgum lugar, num certo lugar do ser, um lugar que permanece desconhecido, inacessível ao conhecimento, do qual dizemos, precisamente, que não conhece o tempo. E, para imitar ainda mais o estatuto ontológico do inconsciente, tomemos o que Lacan chama as suas formações, que põem em relevo, precisamente, o estatuto fugitivo do ser. Os sonhos apagam-se. São seres que não consistem, dos quais frequentemente só se obtém fragmentos na análise. O lapso, o ato falho, o chiste, são seres instantâneos que fulguram, aos quais damos na psicanálise, um sentido de verdade, mas que se eclipsam imediatamente.

Confrontação com os restos sintomáticos

Entre essas formações do inconsciente está o sintoma. Porque é que colocamos o sintoma entre estas formações do inconsciente, senão porque o sintoma freudiano também é verdade. Damos-lhe um sentido de verdade, interpretamo-lo. Mas, ele distingue-se de todas as outras formações do inconsciente pela sua permanência. Há

uma outra modalidade do ser. Para que haja sintoma no sentido freudiano é preciso, sem dúvida, que haja um sentido em jogo. É preciso que isso possa ser interpretado. É o que faz Freud diferenciando entre sintoma e inibição. A inibição é pura e simplesmente a limitação de uma função. Enquanto tal, uma inibição não tem um sentido de verdade. Para que haja sintoma é necessário que o fenómeno dure. Por exemplo, o sonho muda de estatuto quando se trata de um sonho repetitivo. Quando o sonho é repetitivo, implica um trauma. O ato falho quando se repete torna-se sintomático, pode, inclusive, invadir todo o comportamento. Nesse momento, damos-lhe o estatuto de sintoma. Nesse sentido, o sintoma é o que a psicanálise nos dá de mais real.

É a propósito do sintoma que a questão de pensar a correlação, a conjunção do verdadeiro e do real torna-se ardente. Neste sentido, o sintoma é um Janus, tem duas caras, uma cara de verdade e uma cara de real. O que Freud descobriu e que foi sensacional no seu tempo é que um sintoma se interpreta como um sonho, se interpreta em função de um desejo e que ele é um efeito de verdade. Mas há, como sabem, um segundo tempo deste descobrimento, a persistência do sintoma depois da interpretação e o paradoxo que Freud descobriu. É, com efeito, um paradoxo que o sintoma seja pura e simplesmente um ser de linguagem. Quando temos que nos haver com seres de linguagem na análise, interpretamo-los, quer dizer, reduzimo-los. Reconduzimos os seres de linguagem a nada, reduzimo-los a coisa nenhuma. O paradoxo aqui é o do resto. Há um *x* que resta mais além da interpretação freudiana. Freud aproximou isso de distintas maneiras. Pôs em jogo a reação terapêutica negativa, a pulsão de morte e ampliou a perspectiva até dizer que o final da análise como tal deixa sempre subsistir o que chamava restos sintomáticos. Hoje, a nossa prática foi muito mais além do ponto

freudiano, muito mais além do ponto em que, para Freud, a análise encontrava o seu fim. Justamente, era um fim do qual Freud dizia que há sempre um resto e, portanto, que é sempre preciso recomeçar a análise, após um curto tempo, pelo menos para o analista. Um curto tempo de pausa e logo a seguir recomeça-se. Era o ritmo *stop and go*, como se diz em francês agora. Mas esta não é nossa prática. A nossa prática vai mais além do que Freud considerava o final da análise; mesmo que se tenha de retomar a análise, a nossa prática vai além do ponto que Freud considerava como fim de análise. Na nossa prática assistimos à confrontação do sujeito com os restos sintomáticos. Passamos pelo momento de decifração da verdade do sintoma, mas chegamos aos restos sintomáticos e, aí, não dizemos *stop*. O analista não diz *stop* e o analisando não diz *stop*. A análise, nesse período, passa pela confrontação direta do sujeito com aquilo que Freud chamava de restos sintomáticos e aos quais damos outro estatuto muito diferente. Com o nome restos sintomáticos, Freud chocou com o real do sintoma, com o que, no sintoma, está fora do sentido.

O gozo do ser falante

Já no segundo capítulo de *Inibição, sintoma e angústia*, Freud caracterizava o sintoma a partir do que chamava a satisfação pulsional, «como signo e substituto (*Anzeichen und Ersatz*) da satisfação pulsional que não ocorreu»⁶. Ele explicava, no terceiro capítulo, a partir da neurose obsessiva e da paranoia, que o sintoma que se apresenta no princípio como um corpo estranho em relação ao eu, tenta cada vez mais fazer um com o eu, quer dizer, tende a incorporar-se ao eu. Ele via no sintoma o resultado do processo do

⁶ Freud S., *Inhibition, symptôme et angoisse*, 1926, Paris, PUF, 1986, p. 7.

recalque. Evidentemente são estes dois capítulos e o conjunto do livro que se deve trabalhar na perspetiva do próximo congresso.

Queria levantar este problema: o gozo em questão é primário? Em certo sentido, sim. Podemos dizer que o gozo é o próprio do corpo como tal, que é um fenómeno de corpo. Nesse sentido, o corpo é o que goza, mas, reflexivamente. Um corpo é o que goza de si mesmo, é o que Freud chamava o autoerotismo. Mas isso é verdade para todo corpo vivo. Podemos dizer que é esse o estatuto do corpo vivo, gozar de si mesmo. O que distingue o corpo do ser falante é que o seu gozo sofre a incidência da palavra. E, precisamente, um sintoma testemunha que houve um acontecimento que marcou o seu gozo, no sentido freudiano de *Anzeichen*, e que introduz um *Ersatz*, um gozo que não faria falta, um gozo que transtorna o gozo que faria falta, quer dizer, o gozo da sua natureza de corpo. Portanto, neste sentido, o gozo em questão no sintoma não é primário. É produzido pelo significante. E é precisamente esta incidência significativa o que faz do gozo do sintoma um acontecimento, e não apenas um fenómeno. O gozo do sintoma testemunha que houve um acontecimento, um acontecimento de corpo, depois do qual o gozo natural, entre aspas, o que podemos imaginar como o gozo natural do corpo vivo, se transtornou e desviou. Este gozo não é primário, mas é primeiro em relação ao sentido que o sujeito lhe dá e que lhe dá pelo fato do seu sintoma ser interpretável.

Podemos recorrer, para captar isto melhor, à oposição da metáfora e da metonímia. Há uma metáfora do gozo do corpo, esta metáfora produz um acontecimento, produz este acontecimento que Freud chama a fixação. Isso supõe a ação do significante em a toda

metáfora, mas de um significante que opera fora de sentido. E após a metáfora do gozo há a metonímia do gozo, quer dizer, a sua dialética. Nesse momento, ele dota-se de uma significação. Freud fala disso em *Inibição, sintoma e angústia*, fala de *die symbolische Bedeutung*, da significação simbólica que afeta um certo número de objetos.

Da escuta do sentido à leitura do fora de sentido

Podemos dizer que isso se transmite na teoria analítica. Na teoria analítica, durante muito tempo, contou-se uma pequena história sobre o gozo, uma pequena história onde o gozo primordial se encontrava na relação com a mãe, onde a incidência da castração era um efeito do pai, e onde o gozo pulsional encontrava os seus objetos, que eram *Ersatz*, que tamponavam a castração. É um aparelho muito sólido que foi construído e abraça os contornos da teoria analítica. Mas, de qualquer maneira, vou endurecer a linha, é uma superestrutura mítica com a qual durante um tempo se logrou suprimir os sintomas, interpretando-os na linha desta superestrutura. Mas, interpretando o sintoma na linha desta superestrutura, quer dizer, prolongando o que chamei a metonímia do gozo, fez-se inflar o sintoma também, quer dizer, que ele foi alimentado com o sentido. É aqui que se inscreve o meu «ler o sintoma».

Ler um sintoma vai no sentido oposto, quer dizer, consiste em privar o sintoma do sentido. Por isso Lacan substitui o aparelho de interpretar de Freud - que Lacan mesmo havia formalizado, havia esclarecido, quer dizer, o ternário edípico - por um ternário que não produz sentido, o do Real, do Simbólico e do Imaginário. Mas, ao deslocar a interpretação do quadro edípico para o quadro borromeano, é o funcionamento mesmo da interpretação que muda e passa da escuta do sentido à leitura do fora de sentido.

Quando se diz que a psicanálise é uma questão de escuta, é preciso estar de acordo, é o caso de dizê-lo. O que se escuta de fato é sempre o sentido e o sentido chama o sentido. Toda a psicoterapia se sustenta a este nível. Isso desemboca sempre no fato que seja o paciente quem deve escutar, escutar o terapeuta. Ao contrário, trata-se de explorar o que é a psicanálise e o que esta pode ao nível propriamente dito da leitura, quando se toma distância da semântica – remeto aqui para as indicações preciosas que há sobre esta leitura no escrito de Lacan que se chama «O aturdido»⁷, que podem encontrar nos *Autres Ecrits*, página 491 e seguintes, sobre os três pontos, a homofonia, a gramática e a lógica.

Apontar o *clinamen* do gozo

A leitura, o saber ler consiste em manter à distância da palavra o sentido que ela veicula, a partir da escrita como fora de sentido, como *Anzeichen*, como letra, com a sua materialidade. Enquanto a palavra é sempre espiritual, se assim posso dizer, e que a interpretação que se sustenta ao nível da palavra não faz mais que inflar o sentido, a disciplina da leitura aponta para a materialidade da escrita, para a letra enquanto ela produz o acontecimento de gozo que determina a formação dos sintomas. O saber ler visa este choque inicial, que é como um *clinamen* do gozo – *clinamen* é um termo da filosofia dos estoicos.

⁷ J. Lacan, « L'étourdit », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, pp. 491-493

Como Freud partia do sentido, isso apresentava-se como um resto, mas, de fato, esse resto é o que está nas origens do sujeito, é, de algum modo, o acontecimento originário e, ao mesmo tempo, permanente, quer dizer, que se reitera sem cessar.

É o que se descobre, o que se desnuda na adição, não o «mais um copo» que escutámos falar há pouco.⁸ A adição é a raiz do sintoma feito da reiteração inextinguível do mesmo Um. É o mesmo, quer dizer, precisamente, não se adiciona. Nunca temos o «bebi três copos, portanto, é suficiente», bebe-se sempre o mesmo copo uma vez mais. Essa é a raiz do sintoma. É neste sentido que Lacan pôde dizer que um sintoma é um «etecetera». O retorno do mesmo acontecimento. Podemos fazer muitas coisas com a reiteração do mesmo. Precisamente podemos dizer que o sintoma é, neste sentido, como um objeto fractal, porque o objeto fractal mostra a reiteração do mesmo pelas aplicações sucessivas lhe dá as formas mais extravagantes, inclusive, pôde-se dizer, as mais complexas que o discurso matemático pode oferecer.

A interpretação como saber ler visa reduzir o sintoma à sua fórmula inicial, quer dizer, ao encontro material de um significante e do corpo, ao choque puro da linguagem com o corpo. Certamente que, para tratar o sintoma, é preciso passar pela dialética móvel do desejo, mas também é necessário desprender-se das miragens da verdade que essa decifração lhes traz e apontar mais além, para a fixação do gozo, a opacidade do real. Se eu quisesse fazer falar o real, imputar-lhe-ia o que disse o deus de Israel na sarça-

⁸ J-A Miller refere-se à comunicação de Gabriela van den Hoven, da *London Society of the NLS*: «The Symptom in an Era of Disposable Ideals», les symptômes à l'ère des idéaux jetables.

pp.1-30

ardente, antes de emitir os mandamentos que são o revestimento do seu real: “sou o que sou”.⁹

⁹ Moisés diz a Deus : Vou ter com os filhos de Israel e dizer-lhes: O Deus dos vossos pais enviou-me a vocês. Mas se me perguntam; Qual é o seu nome? Que lhes direi eu? Deus diz a Moisés : Sou o que Sou – *Ehyeh asher Ehyeh* (Bíblia, Êxodo 3,13-14a)

Lire un symptôme

Jacques-Alain Miller

J'ai à vous révéler le titre du prochain congrès de la NLS, à vous le justifier et à présenter à ce propos quelques réflexions qui pourront vous servir de repères pour la rédaction des travaux cliniques qu'il appelle*. Ce titre, je l'ai choisi pour vous à partir de deux indications que j'ai reçues de votre présidente, Anne Lysy. La première c'est que le Conseil de la NLS souhaitait que le prochain congrès porte sur le symptôme, la seconde c'est que le lieu du congrès serait Tel-Aviv. La question était donc de déterminer quel accent, quelle inflexion, quelle impulsion donner au thème du symptôme. J'ai pesé ça en fonction de mon cours que je fais à Paris toutes les semaines, où je m'explique avec Lacan et la pratique de la psychanalyse aujourd'hui, cette pratique qui n'est plus tout à fait, peut-être plus du tout celle de Freud. Et deuxièmement j'ai pesé l'accent à donner au thème du symptôme en fonction du lieu, Israël. Et donc, tout bien pesé, j'ai choisi le titre suivant : lire un symptôme, *to read a symptom*.

Savoir lire

Ceux qui lisent Lacan ont sans doute ici reconnu un écho de son propos dans son écrit « Radiophonie » que vous trouvez dans le recueil des *Autres Écrits* page 428. Il souligne là que le juif est celui qui sait lire¹. C'est ce savoir lire qu'il s'agira d'interroger en Israël, le savoir lire dans la pratique de la psychanalyse. Je dirais tout de suite que le savoir lire, comme je l'entends, complète le bien dire, qui est devenu parmi nous un slogan. Je soutiendrais volontiers que le bien dire dans la psychanalyse n'est rien sans le savoir lire, que le bien dire propre à la psychanalyse se fonde sur le savoir lire. Si l'on

s'en tient au bien dire, on n'atteint que la moitié de ce dont il s'agit. Bien dire et savoir lire sont du côté de l'analyste, c'est son apanage, mais au cours de l'expérience il s'agit que bien dire et savoir lire se transfèrent à l'analysant. En quelque sorte qu'il apprenne, hors de toute pédagogie, à bien dire et aussi à savoir lire. L'art de bien dire, c'est la définition de cette discipline traditionnelle qui s'appelle la rhétorique. Certainement la psychanalyse participe de la rhétorique, mais elle ne s'y réduit pas. Il me semble que c'est le savoir lire qui fait la différence. La psychanalyse n'est pas seulement affaire d'écoute, *listening*, elle est aussi affaire de lecture, *reading*. Dans le champ du langage sans doute la psychanalyse prend-elle son départ de la fonction de la parole mais elle la réfère à l'écriture. Il y a un écart entre parler et écrire, *speaking* and *writing*. C'est dans cet écart que la psychanalyse opère, c'est cette différence que la psychanalyse exploite.

J'ajouterai une touche plus personnelle au choix que je fais de ce titre, « lire un symptôme », puisque c'est le savoir lire que Lacan m'a imputé à moi. Vous trouvez ça en exergue de son écrit « Télévision », dans le recueil des *Autres Ecrits* page 509, où je lui posais un certain nombre de questions au nom de la télévision et il a mis en exergue du texte qui reproduit avec certains changements ce qu'il avait dit alors : « Celui qui m'interroge sait aussi me lire. »ⁱⁱ Donc Lacan m'a épinglé du savoir lire, au moins du savoir lire Lacan. C'est un certificat qu'il m'a décerné en raison des annotations dont j'ai scandé son discours dans la marge, dont beaucoup font référence à ses formules appelées mathèmes. Donc la question du savoir lire a tout lieu de m'importer.

Le secret de l'ontologie

Après cette introduction je vais maintenant évoquer le point où j'en suis de mon cours de cette année et qui conduit précisément à cette affaire de lecture, et de lecture du symptôme. Je suis en train, ces jours-ci, d'articuler l'opposition conceptuelle entre l'être et l'existence. Et c'est une étape sur le chemin où j'entends distinguer et opposer l'être et le réel, *being and the real*.

Il s'agit pour moi de mettre en valeur les limites de l'ontologie, de la doctrine de l'être. Ce sont les Grecs qui ont inventé l'ontologie. Mais eux-mêmes en ont senti les limites puisque certains ont développé un discours portant explicitement sur un au-delà de l'être, *beyond being*. Dans cet au-delà de l'être, dont il faut croire qu'ils ont senti la nécessité, ils ont placé le Un, *the one*. En particulier celui qui a développé le culte du Un, comme au-delà de l'être, c'est le nommé Plotin. Et il l'a tiré des siècles plus tard d'une lecture de Platon, précisément du *Parménide* de Platon. Donc il l'a tiré d'un certain savoir lire Platon. Et en deçà de Platon il y a Pythagore, mathématicien mais mystique-mathématicien. C'est Pythagore qui divinisait le nombre et spécialement le Un et qui ne faisait pas, lui, une ontologie mais ce qui s'appelle en termes techniques à partir du grec une hénologie, c'est-à-dire une doctrine du Un. Ma thèse, c'est que le niveau de l'être appelle, nécessite un au-delà de l'être.

Les Grecs qui développaient une ontologie ont senti la nécessité d'un point d'appui, d'un fondement inébranlable que justement l'être ne leur donnait pas. L'être ne donne pas un fondement inébranlable à l'expérience, à la pensée, précisément parce qu'il y a

une dialectique de l'être. Poser l'être, c'est du même coup poser le néant. Et poser que l'être est ceci, c'est du même coup poser qu'il n'est pas cela, donc il l'est aussi au titre d'être son contraire. L'être, en somme, manque singulièrement d'être et pas par accident mais de façon essentielle. L'ontologie débouche toujours sur une dialectique de l'être. Lacan le savait si bien que précisément il définit l'être du sujet de l'inconscient comme un manque à être. Il exploite-là les ressources dialectiques de l'ontologie. La traduction de l'expression française « manque à être » par *want to be* ajoute quelque chose de tout à fait précieux, la notion de désir. *Want* ce n'est pas seulement l'acte, dans *want* il y a le désir, il y a la volonté et précisément le désir de faire être ce qui n'est pas. Le désir fait la médiation entre *being and nothingness*. Nous retrouvons ce désir dans la psychanalyse au niveau du désir de l'analyste, qui anime l'opération analytique en tant que ce désir vise à amener à l'être l'inconscient, vise à faire apparaître ce qui est refoulé comme disait Freud. Evidemment ce qui est refoulé est par excellence un *want to be*, ce qui est refoulé ce n'est pas un être actuel, ce n'est pas un mot effectivement dit, ce qui est refoulé c'est un être virtuel qui est à l'état de possible, qui apparaîtra ou non.

L'opération qui amène à l'être l'inconscient, ce n'est pas l'opération du Saint-Esprit, c'est une opération de langage, celle que met en œuvre la psychanalyse. Le langage est cette fonction qui fait être ce qui n'existe pas. C'est même ce que les logiciens ont dû constater, ils se sont désespérés que le langage soit capable de faire être ce qui n'existe pas et donc ils ont essayé de normer son usage en espérant que leur langage artificiel ne nommerait que ce qui existe. Mais en fait il faut reconnaître là, non pas un défaut de langage, mais sa puissance. Le langage est créateur et en particulier il crée l'être. En somme l'être dont depuis toujours les philosophes parlent, cet être n'est jamais qu'un être de langage, c'est le secret de l'ontologie. Alors, il y a là un vertige.

Un discours qui serait du réel

Il y a là pour les philosophes eux-mêmes un vertige qui est le vertige même de la dialectique. Parce que l'être est l'opposé de l'apparence mais aussi l'être n'est pas autre chose que l'apparence, une certaine modalité de l'apparence. Et c'est donc cette fragilité intrinsèque à l'être qui justifie l'invention d'un terme qui réunit l'être et l'apparence, le terme de semblant. Le semblant c'est un mot que nous utilisons dans la psychanalyse et par lequel nous essayons de cerner ce qui est à la fois être et apparence de façon indissociable. J'avais jadis tenté de traduire ce mot en anglais par l'expression *make believe*. En effet si on y croit, il n'y a pas de différence entre l'apparence et l'être. C'est une affaire de croyance.

Alors ma thèse, qui est une thèse sur la philosophie à partir de l'expérience analytique, c'est que les Grecs, justement parce qu'ils ont été éminemment aux prises avec ce vertige, ont cherché un au-delà de l'être, un au-delà du semblant. Ce que nous appelons le réel c'est cet au-delà du semblant, un au-delà qui est problématique. Y-a-t-il un au-delà du semblant ? Le réel ce serait si l'on veut un être mais qui ne serait pas être du langage, qui serait intouché par les équivoques du langage, qui serait indifférent au *make believe*.

Ce réel, où les Grecs le trouvaient-ils ? Ils le trouvaient dans les mathématiques et d'ailleurs, depuis lors où les mathématiques ont continué comme a continué la philosophie, les mathématiciens se disent toujours volontiers platoniciens au sens où ils

ne pensent pas du tout qu'ils créent leur objet mais pour eux ils épellent un réel qui est déjà là. Et ça, ça fait rêver, en tout cas ça faisait rêver Lacan.

Lacan a fait une fois un séminaire qui s'intitulait « D'un discours qui ne serait pas du semblant »ⁱⁱⁱ. C'est une formule qui est restée mystérieuse même une fois que le séminaire a été publié parce que le titre de ce séminaire se présente sous une forme à la fois conditionnelle et négative. Mais sous cette forme, il évoque un discours qui serait du réel, c'est ça que ça veut dire. Lacan a eu la pudeur de ne pas le dire sous cette forme que je dévoile, il l'a dit sous une forme seulement conditionnelle et négative : D'un discours qui serait du réel, d'un discours qui prendrait son départ à partir du réel, comme les mathématiques. C'était le rêve de Lacan de mettre la psychanalyse au niveau des mathématiques. À cet égard il faut dire que c'est seulement dans les mathématiques que le réel ne varie pas – encore que sur les marges il varie quand même. Dans la physique mathématique, qui incorpore et qui se soutient pourtant des mathématiques, la notion de réel est tout à fait glissante parce qu'elle y est quand même héritière de la vieille idée de nature et qu'avec la mécanique quantique, avec les recherches d'être au-delà de l'atome on peut dire que le réel dans la physique est devenu incertain. La physique connaît des polémiques entre physiciens encore plus vivaces que dans la psychanalyse. Ce qui pour l'un est réel, pour un autre n'est que semblant. Ils font de la propagande pour leur notion du réel, parce qu'à partir d'un certain moment on a fait entrer en ligne de compte l'observation. A partir de ce moment, le complexe composé de l'observateur et des instruments d'observation interfère et alors le réel devient relatif au sujet, c'est-à-dire cesse d'être absolu. On peut dire que par là le sujet fait écran au réel. Ce n'est pas le cas en mathématique. Comment en mathématique accède-t-on au

réel, par quel instrument ? On y accède par le langage sans doute mais un langage qui ne fait pas écran au réel, un langage qui est le réel. C'est un langage réduit à sa matérialité, c'est un langage qui est réduit à sa matière signifiante, c'est un langage qui est réduit à la lettre. Dans la lettre, contrairement à l'homophonie, ce n'est pas l'être, *being*, qu'on trouve, *in the letter is not being that you find*, c'est *the real*.

Fulgurance de l'inconscient et désir de l'analyste

C'est à partir de ces prémisses que je propose d'interroger la psychanalyse. Dans la psychanalyse, où est le réel ? C'est une question qui est pressante dans la mesure où un psychanalyste ne peut pas ne pas éprouver le vertige de l'être, dès lors qu'il est dans sa pratique submergé par les créations, par les créatures de la parole.

Dans tout ça, où est le réel ? Est-ce que l'inconscient est réel ? Non ! C'est la réponse tout de même la plus facile à faire. L'inconscient c'est une hypothèse, ce qui reste une perspective fondamentale, même si on peut la prolonger, la faire varier. Pour Freud rappelez-vous que l'inconscient est le résultat d'une déduction. C'est ce que Lacan traduit au plus près en soulignant que le sujet de l'inconscient c'est un sujet supposé, c'est-à-dire hypothétique. Ce n'est donc pas un réel. Et on se pose même la question de savoir si c'est un être. Vous savez que Lacan préfère dire que c'est un désir d'être plutôt qu'un être. L'inconscient n'a pas plus d'être que le sujet lui-même. Ce que Lacan écrit S barré, c'est quelque chose qui n'a pas d'être, qui n'a que l'être du manque et qui doit advenir. Et nous le savons bien, il suffit simplement d'en tirer les conséquences. Nous savons bien que l'inconscient dans la psychanalyse est soumis à un devoir être. Il est soumis à un impératif que comme analyste nous représentons. Et c'est en ce sens que Lacan dit que le statut de l'inconscient est éthique. Si le statut de l'inconscient est éthique, il n'est pas de l'ordre du réel, c'est ça que ça veut dire. Le statut du réel n'est

pas éthique. Le réel, dans ses manifestations est plutôt *unethical*, il ne se tient pas bien à notre gré. Dire que le statut de l'inconscient est éthique c'est précisément dire qu'il est relatif au désir, et d'abord au désir de l'analyste qui essaye d'inspirer à l'analysant de prendre le relais de ce désir.

A quel moment dans la pratique de la psychanalyse est-on nécessité à une déduction de l'inconscient ? Simplement par exemple quand on voit revenir dans la parole de l'analysant des souvenirs anciens qui étaient jusqu'alors oubliés. On est bien forcé de supposer que ces souvenirs, dans l'intervalle, résidaient quelque part, en un certain lieu d'être, un lieu qui reste inconnu, inaccessible à la connaissance, dont on dit précisément qu'il ne connaît pas le temps. Et pour mimer encore plus le statut ontologique de l'inconscient, prenons ce que Lacan appelle ses formations, qui mettent en valeur précisément le statut fugitif de l'être. Les rêves s'effacent. Ce sont des êtres qui ne consistent pas, dont souvent dans l'analyse nous n'avons que des bribes. Le lapsus, l'acte manqué, le mot d'esprit, ce sont des êtres instantanés, qui fulgurent, auxquels on donne dans la psychanalyse un sens de vérité mais qui s'éclipsent aussitôt.

Confrontation avec les restes symptomatiques

Alors parmi ces formations de l'inconscient il y a le symptôme. Pourquoi met-on le symptôme parmi ces formations de l'inconscient sinon parce que le symptôme freudien aussi est vérité. On lui donne un sens de vérité, on l'interprète. Mais il se distingue de toutes les autres formations de l'inconscient par sa permanence. Il a une autre modalité d'être. Pour qu'il y ait symptôme au sens freudien, sans doute faut-il qu'il y ait du sens en jeu. Il faut que ça puisse s'interpréter. C'est bien ce qui fait pour Freud la différence

entre le symptôme et l'inhibition. L'inhibition est purement et simplement la limitation d'une fonction. En tant que telle une inhibition n'a pas de sens de vérité. Pour qu'il y ait symptôme il faut aussi que le phénomène dure. Par exemple, le rêve change de statut quand il s'agit d'un rêve répétitif. Quand le rêve est répétitif on implique un trauma. L'acte manqué, quand il se répète, devient symptomatique, il peut même envahir tout le comportement. A ce moment-là on lui donne le statut de symptôme. En ce sens le symptôme c'est ce que la psychanalyse nous donne de plus réel.

C'est à propos du symptôme que la question devient brûlante de penser la corrélation, la conjonction du vrai et du réel. En ce sens, le symptôme est un Janus, il a deux faces, une face de vérité et une face de réel. Ce que Freud a découvert et qui a été sensationnel en son temps, c'est qu'un symptôme ça s'interprète comme un rêve, ça s'interprète en fonction d'un désir et que c'est un effet de vérité. Mais il y a, comme vous savez, un second temps de cette découverte, la persistance du symptôme après l'interprétation, et Freud l'a découverte comme un paradoxe. C'est en effet un paradoxe si le symptôme est purement et simplement un être de langage. Quand on a affaire à des êtres de langage dans l'analyse, on les interprète, c'est-à-dire qu'on les réduit. On reconduit les êtres de langage au rien, au néant. Le paradoxe ici c'est celui du reste. Il y a un x qui reste au-delà de l'interprétation freudienne. Freud a approché ça de différentes façons. Il a mis en jeu la réaction thérapeutique négative, la pulsion de mort et il a élargi la perspective jusqu'à dire que la fin de l'analyse comme telle laisse toujours subsister ce qu'il appelait des restes symptomatiques. Aujourd'hui notre pratique s'est prolongée bien au-delà du point freudien, bien au-delà du point où pour Freud l'analyse trouvait sa fin. Justement c'était une fin dont Freud disait qu'il y a toujours un reste et donc il faut

toujours recommencer l'analyse, après un petit temps, du moins pour l'analyste. Un petit temps de pause et puis on recommence. C'était le rythme *stop and go*, comme on le dit en français maintenant. Mais cela n'est pas notre pratique. Notre pratique se prolonge au-delà du point où Freud considérait qu'il y a des fins de l'analyse, même s'il fallait reprendre l'analyse, notre pratique va au-delà du point que Freud considérait comme fin de l'analyse. Dans notre pratique nous assistons alors à la confrontation du sujet avec les restes symptomatiques. On passe bien sûr par le moment du déchiffrement de la vérité du symptôme, mais on arrive aux restes symptomatiques et là on ne dit pas stop. L'analyste ne dit pas stop et l'analysant ne dit pas stop. L'analyse, dans cette période, est faite de la confrontation directe du sujet avec ce que Freud appelait les restes symptomatiques et auxquels nous donnons un tout autre statut. Sous le nom de restes symptomatiques Freud a buté sur le réel du symptôme, sur ce qui, dans le symptôme, est hors-sens.

La jouissance de l'être parlant

Déjà dans *Inhibition, symptôme et angoisse*, au second chapitre, Freud caractérisait le symptôme à partir de ce qu'il appelait la satisfaction pulsionnelle, « comme le signe et le substitut (*Anzeichen und Ersatz*) d'une satisfaction pulsionnelle qui n'a pas eu lieu »^{iv}. Il l'expliquait dans le troisième chapitre à partir de la névrose obsessionnelle et de la paranoïa en notant que le symptôme qui se présente d'abord comme un corps étranger par rapport au moi, tente de plus en plus à ne faire qu'un avec le moi, c'est-à-dire tend à s'incorporer au moi. Il voyait dans le symptôme le résultat du processus du refoulement. C'est évidemment deux chapitres et l'ensemble du livre qui sont à travailler dans la perspective du prochain congrès.

Je voudrais souligner ceci : la jouissance en question est-elle primaire ? En un sens, oui. On peut dire que la jouissance est le propre du corps comme tel, qu'elle est un phénomène de corps. En ce sens-là, un corps est ce qui jouit, mais réflexivement. Un corps est ce qui jouit de soi-même, c'est ce que Freud appelait l'auto-érotisme. Mais ça c'est vrai de tout corps vivant. On peut dire que c'est le statut du corps vivant de jouir de lui-même. Ce qui distingue le corps de l'être parlant c'est que sa jouissance subit l'incidence de la parole. Et précisément un symptôme témoigne qu'il y a eu un événement qui a marqué sa jouissance au sens freudien de *Anzeichen* et qui introduit un *Ersatz*, une jouissance qu'il ne faudrait pas, une jouissance qui trouble la jouissance qu'il faudrait, c'est-à-dire la jouissance de sa nature de corps. Donc en ce sens-là, non, la jouissance en question dans le symptôme n'est pas primaire. Elle est produite par le signifiant. Et c'est précisément cette incidence signifiante qui fait de la jouissance du symptôme un événement, pas seulement un phénomène. La jouissance du symptôme témoigne qu'il y a eu un événement, un événement de corps après lequel la jouissance naturelle entre guillemets, qu'on peut imaginer comme la jouissance naturelle du corps vivant, s'est trouvée troublée et déviée. Cette jouissance n'est pas primaire mais elle est première par rapport au sens que le sujet lui donne, et qu'il lui donne par son symptôme en tant qu'interprétable.

On peut avoir recours pour mieux le saisir à l'opposition de la métaphore et de la métonymie. Il y a une métaphore de la jouissance du corps, cette métaphore fait événement, fait cet événement que Freud appelle la fixation. Ça suppose l'action du signifiant comme toute métaphore, mais un signifiant qui opère hors-sens. Et après la métaphore de la jouissance il y a la métonymie de la jouissance, c'est-à-dire sa dialectique. A ce moment-là il se dote de signification. Freud en parle dans *Inhibition*,

symptôme et angoisse, il parle de *die symbolische Bedeutung*, de la signification symbolique qui frappe un certain nombre d'objets.

De l'écoute du sens à la lecture du hors-sens

On peut dire que ça se répercute dans la théorie analytique. Dans la théorie analytique pendant longtemps on a raconté une petite histoire sur la jouissance, une petite histoire où la jouissance primordiale était à trouver dans le rapport à la mère, où l'incidence de la castration était le fait du père et où la jouissance pulsionnelle trouvait des objets qui étaient des *Ersatz* faisant bouchon à la castration. C'est un appareil très solide qui a été construit, qui épouse les contours de l'opération analytique. Mais c'est tout de même, je vais durcir le trait, une superstructure mythique avec laquelle on a réussi pendant un temps à, en effet, supprimer les symptômes en les interprétant dans le cadre de cette superstructure. Mais en interprétant le symptôme dans le cadre de cette superstructure, c'est-à-dire en prolongeant ce que j'appelais cette métonymie de la jouissance, on a fait aussi gonfler le symptôme, c'est-à-dire qu'on l'a nourri de sens. C'est là que s'inscrit mon « lire un symptôme ».

Lire un symptôme va à l'opposé, c'est-à-dire consiste à sevrer le symptôme de sens. C'est pourquoi d'ailleurs à l'appareil à interpréter de Freud – que Lacan lui-même avait formalisé, avait clarifié, c'est-à-dire le ternaire œdipien – Lacan a substitué un ternaire qui ne fait pas sens, celui du Réel, du Symbolique et de l'Imaginaire. Mais à déplacer l'interprétation du cadre œdipien vers le cadre borroméen, c'est le fonctionnement même de l'interprétation qui change et qui passe de l'écoute du sens à la lecture du hors-sens.

Quand on dit que la psychanalyse est une affaire d'écoute, faut s'entendre, c'est le cas de le dire. Ce qu'on écoute en fait c'est toujours le sens, et le sens appelle le sens. Toute psychothérapie se tient à ce niveau-là. Ça débouche toujours en définitive sur ceci que c'est le patient qui doit écouter, écouter le thérapeute. Il s'agit au contraire d'explorer ce qu'est la psychanalyse et ce qu'elle peut au niveau proprement dit de la lecture, quand on prend de la distance avec la sémantique – là je vous renvoie aux indications précieuses qu'il y a sur cette lecture dans l'écrit de Lacan qui s'appelle « l'Etourdit »^v et que vous trouvez dans les *Autres Ecrits* page 491 et suivantes, sur les trois points de l'homophonie, de la grammaire et de la logique.

Viser le *clinamen* de la jouissance

La lecture, le savoir lire, consiste à mettre à distance la parole et le sens qu'elle véhicule à partir de l'écriture comme hors-sens, comme *Anzeichen*, comme lettre, à partir de sa matérialité. Alors que la parole est toujours spirituelle si je puis dire et que l'interprétation qui se tient purement au niveau de la parole ne fait que gonfler le sens, la discipline de la lecture vise la matérialité de l'écriture, c'est-à-dire la lettre en tant qu'elle produit l'événement de jouissance déterminant la formation des symptômes. Le savoir lire vise ce choc initial, qui est comme un *clinamen* de la jouissance – *clinamen* est un terme de la philosophie des stoïciens.

Pour Freud, comme il parlait du sens, ça se présentait comme un reste, mais en fait ce reste c'est ce qui est aux origines même du sujet, c'est en quelque sorte l'événement originaire et en même temps permanent, c'est-à-dire qu'il se réitère sans cesse.

C'est ce qu'on découvre, c'est ce qui se dénuce dans l'addiction, dans le « un verre de plus » dont nous avons entendu parler tout à l'heure^{vi}. L'addiction c'est la racine du symptôme qui est fait de la répétition inextinguible du même Un. C'est le même, c'est-à-dire précisément ça ne s'additionne pas. On n'a jamais le « j'ai bu trois verres donc c'est assez », on boit toujours le même verre une fois de plus. C'est ça la racine même du symptôme. C'est en ce sens que Lacan a pu dire qu'un symptôme c'est un *et cætera*. C'est-à-dire le retour du même événement. On peut faire beaucoup de choses avec la répétition du même. Précisément on peut dire que le symptôme est en ce sens comme un objet fractal, parce que l'objet fractal montre que la répétition du même par les applications successives vous donne les formes les plus extravagantes et même on a pu dire les plus complexes que le discours mathématique peut offrir.

L'interprétation comme savoir lire vise à réduire le symptôme à sa formule initiale, c'est-à-dire à la rencontre matérielle d'un signifiant et du corps, c'est-à-dire au choc pur du langage sur le corps. Alors certes pour traiter le symptôme il faut bien en passer par la dialectique mouvante du désir, mais il faut aussi se déprendre des mirages de la vérité que ce déchiffrement vous apporte et viser au-delà la fixité de la jouissance, l'opacité du réel. Si je voulais le faire parler, ce réel, je lui imputerais ce que dit le dieu d'Israël dans le buisson ardent, avant d'émettre les commandements qui sont l'habillage de son réel : « je suis ce que je suis »^{vii}.

* Jacques-Alain Miller présentait à la fin du congrès de la NLS, qui se tenait à Londres les 2 et 3 avril 2011, le thème du prochain congrès qui aura lieu à Tel-Aviv en juin 2012. Texte établi par Dominique Holvoet, non relu par l’auteur.

ⁱ Lacan J., « Radiophonie », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 428.

ⁱⁱ Lacan J., « Télévision », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 509.

ⁱⁱⁱ Lacan J., *Le Séminaire*, Livre XVIII, *D’un discours qui ne serait pas du semblant*, Paris, PUF, 2007.

^{iv} Freud S., *Inhibition, symptôme et angoisse*, 1926, Paris, PUF, 1986, p. 7.

^v J. Lacan, « L’étourdit », *Autres Ecrits*, Paris, Seuil, 2001, pp. 491-493

^{vi} J-A Miller fait référence à l’intervention de notre collègue Gabriela van den Hoven de la *London Society of the NLS* : « *The Symptom in an Era of Disposable Ideals* », les symptômes à l’ère des idéaux jetables.

^{vii} Moïse dit à Dieu : Voici je vais trouver les fils d’Israël et je leur dis: Le Dieu de vos pères m’a envoyé vers vous. Mais s’ils me disent: Quel est son nom? Que leur dire ? Dieu dit à Moïse : Je suis ce que Je suis – *Ehyeh asher Ehyeh* (La Bible, Exode 3,13-14a)